

# TRICENTENÁRIO DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE

## — MENSAGEM PASTORAL DE DOM HELDER CÂMARA —

A Prelazia de Pernambuco, criada a 15-7-1614, foi elevada a Diocese, com o nome de Olinda, a 16-11-1676, pela Bula *Ad Sacram Beali Petri Sedem*, do Papa Inocêncio XI. Por Decreto Consistorial do Papa Pio X, foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana a 5-12-1910. Finalmente, em 26-7-1918, pelas Letras Apostólicas *Cum Urbs Recife* do Papa Bento XV, passou a denominar-se oficialmente Arquidiocese de Olinda e Recife. É composta hoje de 72 paróquias, distribuídas em 4.023 km2 com população de 2 milhões 118 mil habitantes. Participaram das celebrações os Cardeais do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Salles; de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão; de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns; de Fortaleza e presidente da CNBB, Dom Aloísio Lorscheider; e inúmeros bispos diocesanos do Brasil.

### 1 — Um olhar sobre a cidade

Ao comemorarmos o terceiro centenário da Diocese de Olinda — filha da Diocese Primaz do Brasil e mãe de tantas dioceses em nosso Nordeste e ao longo do São Francisco — cabe, de cheio, um olhar sobre a cidade... Como a Diocese de Olinda se transformou na Arquidiocese de Olinda e Recife, nosso olhar será sobre as duas queridas cidades, entregues por Deus aos nossos cuidados pastorais: meus e vossos. Claro que ao falarmos em Olinda e Recife estaremos pensando em todas as cidades, distritos, bairros, altos e córregos incluídos em nossa Diocese...

Olinda continua linda. Quem chega ao Alto da Sé e contempla o panorama que ali se descortina, solta, instintivamente, o mesmo brado atribuído a Duarte Coelho. Se percorrer a cidade descobrirá cantos e recantos, que importam em verdadeiros banhos de beleza e de serenidade...

Recife é diferente, mas tem, também, sua nota de encanto... Quem atravessar suas pontes, quem se detiver em acompanhar sua modernização, ainda com a salvaguarda de árvores e até de pássaros, entenderá que Olinda e Recife sejam muito mais do que simples vizinhas: sejam irmãs.

Mas, um olhar sobre as nossas cidades suscita problemas graves e desafios sérios.

É agradável ir, em 10 minutos, de Recife a Olinda por uma auto-estrada, ser-

vida por um complexo como o de Salgadinho. Mas, e para onde foram levados, e como se encontram, de verdade, os que tiveram seus mocambos destruídos, para que nossos carros deslizem rápida e confortavelmente?

Só a verdade nos libertará. Ao encontrar em nossas cidades, camelôs em número impressionante; filhos de Deus buscando comida no lixo; irmãos nossos dormindo ao relento e tanto desemprego, e tanto subemprego, tenhamos a coragem de procurar descobrir as raízes destes males. Não nos apressemos em jogar comodamente, a responsabilidade toda sobre o Governo: um pouco todos nós temos nossa parte de culpa diante de aberrações como estas, que tornam desumanas as nossas cidades.

### 2 — Perspectiva histórica

Quando os descobridores chegaram a terras do Brasil, havia, sem dúvida, grandeza no gesto deles: enfrentar os mares desconhecidos, com um mínimo de aparelhagem, exigia mais heroísmo do que partir para outros planetas com a superproteção da moderna tecnologia. E devia haver uma certa verdade no propósito ou pretexto de querer expandir a fé. Desse pretexto ou desse propósito são testemunhos os numerosos templos que implantaram em nossas cidades.

Mas, a distribuição da terra em capitâncias hereditárias, e a subdivisão das capitâncias em latifúndios, de modo a ha-

ver duas ou três dúzias de famílias do-  
nas de cada capitania, marcaram pro-  
fundamente nossa vida econômico-social.  
Ainda hoje, não estamos muito distantes  
deste modelo.

As capitânias que abrangem a área  
onde se implanta a nossa diocese, che-  
garam a ser — com a cana-de-açúcar —  
das mais ricas, ou, talvez, as mais ricas  
do país.

Que história dolorosa a das nossas ma-  
térias-primas, aproximadamente a mes-  
ma em todo o continente e em todo o  
Terceiro Mundo. Cada área, em geral,  
girava em torno de uma monocultura e  
os preços dos nossos produtos eram e con-  
tinuam sendo fixados nos grandes cen-  
tros de decisão, oscilando à mercê dos  
interesses e das manobras dos senhores  
do mundo.

Nestas bandas, vivermos mais a expe-  
riência dolorosa da escravidão africana  
do que propriamente da escravidão in-  
dígena. Também nesse ponto, o modelo,  
em grande parte, continua o mesmo:  
apenas, em lugar de africano, temos tra-  
balhadores ou subtrabalhadores nacio-  
nais, e temos escravidão não oficial, sem  
nome de escravidão...

Quando houve interesse dos países in-  
dustriais em implantar indústrias no  
Brasil, São Paulo ganhou uma dianteira  
enorme, em grande parte com sacrifício  
do Nordeste.

Quando o desnivelamento econômico-  
financeiro entre o Sul e o Nordeste tor-  
nou muito gritante, foi criada a Sudene,  
que teve o dom e a responsabilidade de  
galvanizar a esperança dos nordestinos  
para uma mudança de estruturas que,  
provalmentê, mantinham grupos de pri-  
vilegiados do nosso próprio país, cuja ri-  
queza é construída com o sacrifício de  
milhares e milhares de concidadãos,  
mantidos em condição sub-humana.

Esperava-se que a industrialização do  
Nordeste conduzisse, indiretamente, às  
reformas de base — a começar pela ré-  
forma agrária — reformas que, de modo  
direto, se revelaram impraticáveis.

Hoje a própria Sudene se vê na con-  
tingência de conduzir projetos que ela  
sabe que só na aparência são reformas  
de base... Já não se fala, por exemplo,  
em reforma agrária... grandes empre-  
sas, a pretexto de modernização agríco-  
la, estão dispensando antigos moradores  
rurais, que se vêem na contingência de  
buscar cidades como o Recife, que mais  
incham do que crescem... dada a tei-  
mosia providencial da esperança, mesmo  
expulsos do meio rural e partindo, pra-

ticamente sem nada, para o desconheci-  
do, imaginam que, na cidade, vão arran-  
jar trabalho, vai haver escolas para os  
filhos, hospital se alguém adoecer e até  
casa para o povo, como a propaganda  
espalha por toda parte...

A desilusão é terrível. Têm que se con-  
formar com mocambos improvisados na  
beira-mar ou beira-rio... mas até des-  
ses lugares desumanos, em breve, os ex-  
pulsos, novamente, a especulação imobili-  
liária.

### 3 — E a Igreja onde estava e como agia?

A Igreja é de Cristo, que lhe imprime  
santidade essencial e a garante pelo Es-  
pírito Santo. Mas a Igreja de Cristo é  
confiada a nossa fraqueza humana.  
Quando, estamos quase comprometendo  
a Igreja de Cristo, o Espírito Santo in-  
terfere, arrancando-a da engrenagem  
em que a metemos. Ela sai machucada,  
ferida, mas bela como nunca.

É fácil apontar heroísmo e santidade  
na caminhada destes três séculos da  
Igreja de Cristo que se acha em Olinda.  
Quando for publicada a história dos Bis-  
pos de Olinda se verá que Dom Frei Vital  
não está só no seu amor à Igreja e na  
sua coragem de anunciar a verdade.  
Quando for publicada uma história da  
Igreja de Cristo que está em nossa área,  
se verá quanta dedicação heróica, quan-  
ta caridade autêntica da parte de pa-  
dres, religiosas, religiosos e leigos.

Mas, sem julgar ninguém (Cristo nos  
ensina que não nos cabe julgar) e, ain-  
da menos, sem pretender julgar o pas-  
sado com a visão de hoje, reconhecamos  
que, com as melhores intenções:

— Aqui, como praticamente em toda  
a América Latina, a preocupação em  
manter a autoridade e a ordem social  
não nos permitiu descobrir as terríveis  
injustiças que se escondiam, e ainda se  
escondem para além da desordem estra-  
tificada que se cobre com o nome de or-  
dem;

— Aqui, como praticamente em toda  
a América Latina, pregamos ao nosso  
povo um cristianismo excessivamente  
passivo: paciência, obediência, aceita-  
ção dos sofrimentos. Grandes virtudes,  
sem dúvida: ontem, hoje e sempre. Mas,  
no contexto em que foram apresentadas,  
ajudaram a oprimir nossa gente;

— Sem esquecer obras numerosas de  
ajuda aos pobres, para socorrê-los, nos  
apoiávamos demais nos ricos. Andando  
com eles, não soubemos, de modo geral,  
assumir a atitude de Cristo com Zaquê;

com Simão, o fariseu; com o jovem rico... Descobrimos maneiras de adoçar muito os alertas gravíssimos dados pelo Cristo quanto ao perigo das riquezas, e, em geral, não nos soubemos aproveitar da circunstância de ter, em nossos colégios, os ricos de amanhã.

— Dentro da mentalidade da época, aceitamos e vivemos uma situação de prestígio. Sem deixar de servir, aceitamos ser servidos. Se é enganosa a impressão de riqueza apresentada por várias de nossas igrejas e por alguns dos nossos palácios, vivemos uma condição de prestígio e de grandeza terrena.

#### 4 — E a Igreja: onde está e como pretende agir?

De modo algum os cristãos e os pastores de hoje nos julgamos mais inteligentes e mais cultos, mais humanos e mais santos do que nossos antecessores. O que temos a mais, é responsabilidade:

— A situação de nossa área, de nosso país, de nosso continente, do mundo de hoje, se torna sempre mais grave e mais crítica: mais de 2/3 da humanidade em situação sub-humana.

— As cartas dos Santos Padres, sobretudo de Leão XIII e Paulo VI, se tornam sempre mais exigentes de justiça e de amor, como condições de uma paz verdadeira e duradoura.

Vivemos o milagre do Concílio Ecumênico Vaticano II e o prodígio da reunião, em Medellín, dos bispos da América Latina, para aplicar ao nosso continente as conclusões do Concílio providencialmente convocado pelo Papa João e concluído pelo Santo Padre Paulo VI.

Nossa mudança de atitude não é prevenção contra ninguém, nem fruto de ressentimentos, nem nascida de ideologias esquerdizantes, nem busca de popularidade. São os sinais dos tempos e os sinais de Deus que estão exigindo de nós posições serenas e firmes, sem sombra de ódio, mas, também, sem sombra de covardia.

Na hora em que penetramos no limiar do 4.º século da Diocese de Olinda, com a responsabilidade de fala como pastores de Olinda e Recife, aqui deixamos as mais urgentes diretrizes da evangelização para o nosso tempo e o nosso meio:

##### 4.1. Direito e dever de evangelizar.

Trairia minha missão de pastor e a memória de irmãos como Dom Frei Vital se não reafirmasse o nosso direito e dever de evangelizar, no sentido amplo e total da missão que Cristo con-

fiou à sua Igreja. Não podemos reconhecer ao Estado o direito do encantonar a Igreja na sacristia, admitindo apenas uma evangelização desencarnada, separada da humanização. Não podemos reconhecer ao Estado o direito de julgar nossa missão evangelizadora, incriminando-a de subversão e comunismo. É muito cômodo procurar encobrir assim a denúncia de injustiças que oprimem a maior parte de nossa gente.

Nosso povo sente e sabe que não se trata de defender o direito e o dever de evangelizar apenas para o seu bispo. É verdade que o bispo tem, no caso, direito e dever especiais. Mas o plural está sendo usado não em termos majestáticos, como se dizia: o plural está sendo usado, porque todo o povo de Deus é Igreja e é a toda a Igreja que cabe a missão evangelizadora.

Nosso povo sente e sabe que a ação evangelizadora da Arquidiocese de Olinda e Recife se desdobra em perfeita fidelidade às diretrizes e à mente da Igreja de Cristo.

Nosso povo sente e sabe que perigoso como ser ingênuo diante do comunismo é aceitar a acusação de comunismo para a necessária e urgente promoção humana de filhos de Deus mantidos em condição sub-humana.

Deixemos bem claro o ensinamento da Igreja: Democracia não é e não pode ser sinônimo de ausência de autoridade; mas, também, não é criação do Estado (o que importaria em totalitarismo de direita ou de esquerda), Democracia é um regime político em que todos aceitam uma autoridade, que governa em nome do bem comum, poder maior ao qual as próprias autoridades estão sujeitas. Quanto à liberdade e aos direitos fundamentais do homem são realidades inerentes à condição humana.

##### 4.2. Diretrizes de evangelização para a Igreja de Cristo em Olinda e Recife

Ajudemo-nos, mutuamente, a viver nossa opção prioritária e sem exclusivismo pelos pobres, dentro da linha do Vaticano II, de Medellín e da CNBB, tendo em vista, especialmente:

— O empenho de, sempre mais e de verdade, preferir servir a ser servido;

— O cuidado de sempre mais trabalhar com o povo, em lugar de apenas trabalhar para o povo;

— Tempo, inteligência e coração gastos para ajudar o povo a libertar-se das

tristes lições de egoísmo, individualismo e divisões, recebidas dos grandes;

— O esforço de ajudar nossa gente a acreditar no próprio valor, a caminhar com os próprios pés e a usar a própria cabeça;

— O acompanhante encorajador de toda autêntica evangelização popular e de toda tentativa autêntica de conscientizar o meio independente, para a necessária e urgente mudança de estruturas injustas, lembrados da palavra de Cristo de que o impossível para os homens, não é impossível para Deus...

Ajudemo-nos, mutuamente, a enfrentar e a ajudar a enfrentar, como a graça divina a conversão em face dos pecados pessoais de cada um, e a conversão em face dos pecados coletivos, das estruturas injustas que, não raro, bradam aos céus... as duas conversões, longe de se excluírem, se integram, se completam.

Tenhamos, sempre mais presente, o apelo extremo do Cristo, imediatamente antes de sua paixão: que todos sejamos um, como Ele e o Pai são um. Tenhamos bem presente que há muito mais o que nos une do que o que nos separa. Tenhamos, sobretudo, bem presente de que o inimigo antigo, o pai da mentira — travestido nos mais inesperados instrumentos — é especialista em dividir-nos e separar-nos.

Precisamos, com urgência, de uma revisão pastoral da Arquidiocese. Nossa área é apanhada de cheio pelo fenômeno da urbanização. Temos que estar alertas para as linhas de crescimento ou antes de inchação de nossas cidades. — Estamos longe das tranqüilas e quase imóveis paróquias do passado. Temos de partir, quando preciso, para deslocamentos de campos de ação. Temos de criar estilos novos e vias novas para a evangelização de sempre. Torna-se impossível a rotina. Será absurdo o isolamento pastoral. Ou nos unimos, sempre mais, e agimos juntos, ou superamos, de vez, mesquinhos egoísmos e melindres ridiculos e descabidos, ou não estaremos à altura do que a Providência espera e exige de nós, agora e aqui. O desafio diante do qual Deus nos coloca é encarnar a Igreja una e Eterna do Cristo, neste pedaço do Nordeste brasileiro, do fim do século 20 e na antevigília do século 21.

Claro que, para nós, só tem sentido a Igreja particular, na medida em que nos integramos em nossa regional, em nossa conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no CELAM, na colegialidade episcopal e na corresponsabilidade ecle-

sial do mundo inteiro, em plena fidelidade ao Vigário de Cristo, o Santo Padre, o Papa Paulo VI.

Em um mundo jovem, em um continente jovem, em um país jovem, teremos o bom senso de abrir para os jovens, em nosso pastoreio, o lugar que merecem e do qual tanto podemos esperar.

Atrairá, certamente, as bênçãos de Deus para o nosso apostolado a vivência de um largo e sincero ecumenismo, largo como o coração de Cristo, sincero como deve ser todo gesto de um cristão.

Na medida em que nos transformamos, sempre mais, com a graça divina, em Igreja evangelizadora, missionária, libertadora, surgirão, sempre mais, os carismas e ministérios de que necessitamos.

Na medida em que os pastores viverem o nosso sacerdócio ministerial, e as religiosas e os religiosos viverem sua vocação de doação total, com espírito de fé, com esperança, com amor, com alegria e paz, teremos sempre mais seguidores.

## 5 — Apelo à mãe de Cristo e mãe da Igreja

Maria, mãe de Cristo e mãe da Igreja: ao festejarmos os 300 anos da Diocese de Olinda e ao preparar-nos para a missão evangelizadora que nos cabe continuar, alargar e aprimorar, pensamos em Ti. És Mestre em ouvir a palavra de Deus em pô-la em prática. Ao longo da caminhada de três séculos — jamais abandonaste nossa Diocese: intercedes constantemente, por ela, junto a Teu Filho e nosso Salvador.

Mas, de modo especial, pensamos em Ti pelo modelo perfeito de ação de graças com o hino que cantaste quando tua prima Santa Isabel, mãe de João Batista, Te proclamou a mais feliz dentre as mulheres.

Não paraste em tua felicidade: pensaste na humanidade inteira. Pensaste em todos, mas assumiste uma clara opção pelos pobres, como Teu Filho faria depois.

Que há em ti, em tuas palavras em tua voz, que anuncias, no *magnificat*, a deposição dos poderosos e a elevação dos humildes, o saciamento dos que têm fome e o esvaziamento dos ricos, e ninguém ousa julgar-Te subversiva ou olhar-Te com suspeição.

Empresta-nos Tua voz: canta conosco. Pede a Teu Filho que em todos nós e em nossa Diocese se realizem, plenamente, os planos do Pai." (JB — 8-10-76).